

X Reunião
Escultura
Romana
na Hispânia

X Reunión
Escultura
Romana
en Hispania

X Meeting
of Roman
Sculpture
in Hispania

X
Escultura
Roman
Romana *en*
Sculpture
na Hispânia
in Hispania

2022

Portugal

Faro e Mértola

Algarve e Alentejo

27, 28 (Faro), 29 (Mértola)

Outubro / Octubre / October



FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Escultura Romana na Hispânia
Escultura Romana en Hispania

SUBTÍTULO: Atas do X Encontro Internacional de Escultura Romana na Hispânia,
realizado em Faro e Mértola de 27 a 29 de outubro de 2022
*Actas de la X Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania,
celebrada en Faro y Mertola los días 27 al 29 de octubre de 2022*

EDITORES: João Pedro Bernardes, Trinidad Nogales-Basarrate, Luís Jorge Gonçalves,
Virgílio Lopes e Marco Lopes

EDIÇÃO: Universidade do Algarve – CEAACP

CONCEPÇÃO GRÁFICA – PAGINAÇÃO | ARTE-FINAL: Raquel Gil Ferreira

CAPA: Jorge dos Reis

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Cláudia Matos

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS: LouresGráfica

DEPÓSITO LEGAL: 537062 / 24

ISBN: 978-989-9127-89-0

DOI: <https://doi.org/10.34623/b48f-2k76>

Os textos e o seu conteúdo são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património



UAlg
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP, no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património [UIDB/00281/2020 – DOI: 10.54499/UIDB/00281/2020].

FARO / LISBOA, OUTUBRO DE 2024

Mithras em Tróia (Grândola, Portugal)

O baixo-relevo romano em mármore com o banquete dos deuses Mithras e Helios

Filomena Limão

Professora auxiliar de História da Arte no Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e membro integrado do CITCEM - centro de investigação transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória"

Resumo: Em 2022, o baixo-relevo romano incompleto em mármore representando o banquete entre os deuses Mithras e Helios e parte da tauroctonia ou sacrifício do touro, duas cenas primordiais dos Mistérios de Mithras, descoberto em Tróia (Ruínas romanas de Tróia, Grândola, Portugal) na década de 20 do século XX, esteve patente ao público, pela primeira vez, no Museu Saint-Raymond, em Toulouse, França, na exposição internacional *Le Mystère Mithra. Plongée au coeur d'un culte romain*. Esta peça tem conhecido uma vivência dupla, o original em posse de privados e a réplica, até recentemente disponível na exposição Religiões da Lusitânia - *Loquuntur Saxa*, no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa.

Apesar de descoberto há 100 anos por Inácio Marques da Costa no norte da península de Tróia em frente à cidade de Setúbal, no estuário do Sado, o baixo-relevo ainda encerra muitas incógnitas. O valor iconográfico e a qualidade artística reconhecidos ao baixo-relevo levou a que especialistas sugerissem a sua produção fora da província romana da Lusitânia e mesmo da Península Ibérica. A este respeito, as análises ao mármore do baixo-relevo (2020) identificando-o como sendo proveniente do Anticlinal de Estremoz, na Lusitânia (actualmente, o Alentejo, Portugal) apontam para que a sua produção seja provincial e não uma importação. A localização estratégica de Tróia, um centro industrial de produção de salgas de peixe a laborar desde o século I, um porto localizado entre o oceano, o rio e as terras, deu-lhe acesso às “vias do mármore” que, cruzando o Anticlinal de Estremoz lhe disponibilizaram este recurso.

Neste texto pretende-se revisitar o baixo-relevo contribuindo para um melhor conhecimento de Mithras em Tróia na Antiguidade.

Palavras-chave: Ruínas romanas de Tróia (Portugal); Baixo-relevo mitraico de Tróia; Anticlinal de Estremoz.

Mithras in Tróia (Grândola, Portugal)

The Roman marble bas-relief with the banquet of the gods Mithras and Helios

Abstract: The incomplete Roman marble bas-relief depicting the two leading scenes of the Mysteries of Mithras - the banquet of the gods Mithras and Helios and part of the tauroctony or the sacrifice of the bull - was discovered in Tróia (present-day, the Roman ruins of Tróia, Grândola, Portugal) in the 1920s. It was on display for the first time in 2022 at the international exhibition *Le Mystère Mithra. Plongée au coeur d'un culte romain* held at the Saint-Raymond Museum in Toulouse, France. The history of the bas-relief has been a true “tale of two stories.” The original piece is in private hands, and a replica has been on display until recently at the exhibition *Religiões da Lusitana- Loquentur Saxa* at the Museu Nacional de Arqueologia in Lisbon.

Despite being discovered 100 years ago by Inácio Marques da Costa in the north of the Tróia peninsula opposite the city of Setúbal, in the Sado estuary, there is still much to uncover about the mithraic bas-relief. The iconographic value and artistic quality recognised in the piece led specialists to suggest its production outside the Roman province of Lusitania and even the Iberian Peninsula. In this respect, analyses of the marble of the bas-relief (2020) identifying it as coming from the Estremoz Anticline in Lusitania (currently Alentejo, Portugal) point to its production being provincial rather than an import. The strategic location of Tróia, an industrial centre of fish salting production labouring since the 1st century CE, a harbour between the ocean, the river and the land, gave it access to the “marble routes” cross passing the Estremoz Anticline, making this resource available to it.

This text aims to revisit the bas-relief contributing to a better knowledge of Mithras in Tróia in Antiquity.

Keywords: Roman ruins of Tróia (Portugal); The mithraic bas-relief from Tróia; Estremoz Anticline.

Introdução

O presente texto é sobre o baixo-relevo romano em mármore que, apesar de fragmentado e incompleto, oferece, no painel do lado direito do observador, a cena completa do banquete entre os deuses Mithras e Helios, ou o deus Sol. A representação do banquete e a da tauroctonia ou sacrifício do touro, que se pode perceber na parte que resta do painel esquerdo, são duas cenas basilares no conjunto dos Mistérios de Mithras em que a

narrativa visual é a principal fonte de conhecimento sobre o deus romano Mithras. Este baixo-relevo, muito referido por especialistas mas raramente visto, foi descoberto no lugar de Tróia, actualmente as Ruínas Romanas de Tróia, em frente à cidade de Setúbal, há quase 100 anos.

Na Fig.1, pode observar-se a fotografia mais recente do baixo-relevo mitraico de Tróia, captada em Abril de 2022, no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa, quando a peça aí esteve para ser limpa antes de integrar uma exposição internacional sobre o Mitraísmo ou os Mistérios de Mithras que decorreu no mesmo ano no Museu Saint-Raymond, em Toulouse, França. O baixo-relevo em mármore esteve, pela primeira vez em toda a sua história, exposto ao olhar do público entre 13 de Maio e 30 de Outubro de 2022, no pólo francês da exposição internacional itinerante intitulada, *Le Mystère Mithra. Plongée au coeur d'un culte romain/ The Mystery Mithra. Immersion in the heart of a Roman Cult*¹. Anteriormente, a exposição, com algumas alterações e sem a peça de Portugal, esteve patente no Musée Royal de Mariemont, na Bélgica, entre 20 de Novembro de 2021 e 18 de Abril de 2022. Depois de Toulouse, a exposição seguiu para Frankfurt para o Archeäologisches Museum Frankfurt onde esteve de 19 de Novembro de 2022 até 15 de Abril de 2023 e o baixo-relevo de Tróia regressou a Portugal.

O baixo-relevo original é propriedade da família Narciso. Desde 2020 que foram estabelecidos contactos entre mim, a família Narciso, o Museu Nacional de Arqueologia através do seu director, Dr. António Carvalho, e o Museu Saint-Raymond no sentido de emprestar a peça para a exposição internacional. À vontade expressa pelos proprietários de emprestar o original do baixo-relevo para figurar na exposição em Toulouse juntou-se a minha nomeação, igualmente pelos proprietários, como *courier*, acompanhando-o na viagem para e de Toulouse. A presença do original do baixo-relevo numa exposição com o objectivo de elaborar uma nova síntese sobre os Mistérios de Mithras à luz de conhecimentos e interpretações dos últimos decénios, não só valorizou a peça projectando-a internacionalmente como reafirmou o seu valor artístico, iconográfico e patrimonial. Simultaneamente, testemunhou a

¹ Uma possível tradução do título em português – numa versão nossa – poderia ser, *O Mistério de Mithras. No coração de um culto romano.*

relevância histórica, arqueológica e artística das Ruínas Romanas de Tróia e do papel que este lugar teria tido no mundo romano.

Neste texto, pretende-se revisitar o baixo-relevo em mármore encontrado em Tróia. Começar-se-á por descrever as cenas representadas, observar as suas características físicas e analisar as propostas para a sua reconstituição. Seguidamente, referir-nos-emos a Tróia, que, em tempos romanos, foi um “complexo industrial” (Mayet, 1994) de salgas de peixe, estrategicamente localizado na costa sudoeste da província da Lusitânia, entre o rio Sado e o Atlântico e, mais concretamente, ao lugar do achado e às questões que sobre ele se levantam. O baixo-relevo não pode ser compreendido fora do seu contexto histórico. É a sua presença em Tróia que contextualiza a produção da peça, as particularidades narrativas decorrentes da oficina, a utilização de materiais, dos meios e motivações; por outro, esta escultura com as cenas principais do culto de Mithras envolvendo um possível *mithraeum* contribui para redimensionar Tróia como lugar dinâmico de passagem e interseção na economia e sociedade romanas.

O local de produção do baixo-relevo tem suscitado dúvidas. A opinião quase unânime dos especialistas -arqueólogos, historiadores da arte- é a de que, tratando-se de uma peça de valor iconográfico e qualidade técnica, deveria ter sido produzida fora da província da Lusitânia e da Hispânia (Península Ibérica Romana). A este respeito, as análises para identificar a origem do mármore do baixo-relevo de Tróia realizadas por Pilar Lapuente (Universidade de Saragoça) são determinantes. As amostras foram recolhidas por mim em 2019 com a autorização da família Narciso e os seus resultados foram apresentados em Lisboa, em Maio de 2022, no *International Symposium on Archaeometry* (ISA 2020-2022). Este trabalho conjunto foi submetido em 2023 para publicação no *Open Access Journal of Archaeology & Anthropology* (OAĴAA) e após processo de revisão por pares, foi publicado em Setembro de 2023. Os resultados da identificação do mármore apontam para a proveniência do Anticlinal de Estremoz, Alentejo, Portugal. A utilização de um mármore da província da Lusitânia leva-nos a propor a produção da peça na mesma província e a afastar a ideia da importação deste baixo-relevo. As “vias do mármore” confluem no Anticlinal de Estremoz e chegam a *Caetobriga* (Setúbal) tornando este material acessível a Tróia.

Apesar de conhecido há muito tempo, o baixo-relevo encerra em si muitos mistérios e tem tido uma vida longa dividida entre o original em mármore na posse de privados e a sua réplica em gesso integrando até muito recentemente a exposição *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa* no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa.

Com este texto, esperamos contribuir para se conhecer melhor Mithras em Tróia.

I. Descrição das cenas representadas nos painéis do baixo-relevo descoberto em Tróia

O baixo-relevo de Tróia (CIMRM, n. 798, fig. 217) apresenta duas cenas inseridas com alguma profundidade cada uma num painel. Uma moldura lisa e saliente rodeia o perímetro do painel do lado direito do observador correndo pelo limite inferior do painel do lado esquerdo embora não já pela parte superior deste painel (ponto a preto na Fig. 2). O painel do lado esquerdo do observador encontra-se muito fragmentado restando apenas uma pequena parte da cena que aí estaria representada. Esta desenrolar-se-ia no interior de um espaço de fundo liso coberto por uma abóbada e tratar-se-ia da cena de Mithras sacrificando o touro, também chamada tauroctonia, uma cena fundamental dos Mistérios de Mithras. O painel fragmentado apresenta ainda um espaço exterior à zona abobadada com uma figura a um nível superior. No painel completo do lado direito do observador está representado um banquete desenrolando-se num espaço diferente notado pela leve textura e relevo do fundo. Possivelmente, decorreria também, num momento diferente.

No painel do lado direito do observador, o que está completo, encontram-se duas figuras masculinas sentadas juntas - 1 e 2 - levemente reclinadas e olhando em frente. A figura 1 tem um longo cabelo e uma auréola com onze raios sobre a cabeça que o identifica como Helios ou o deus-Sol. No braço esquerdo, ligeiramente dobrado, segura um ritão (*rhyton*), um recipiente em forma de chifre usado para beber. Veste uma túnica franzida de mangas compridas, apertada por um grosso cinto e um manto (*chlamys*).

A figura 2 encontra-se à esquerda do deus Sol. O seu braço direito passou por trás da cabeça do deus-Sol descansando sobre o seu ombro direito onde pousa a mão bem aberta num gesto amigável mas também algo dominador. É o deus Mithras caracterizado pelo barrete frígio ajustado à cabeça. No topo desta, nota-se um vinco ilustrando uma dobra para a frente. As pontas compridas do barrete viradas para fora despontam sobre os seus ombros. Este veste-se como o deus-Sol num inegável paralelismo. Enverga uma túnica franzida e apertada por um cinto sobreposta de um manto (*chlamys*). Tem um ritão (*rhyton*) na mão esquerda.

Os dois convivas sentam-se junto a um almofadão longo - 3 - que quase os contorna, um *pulvinum* decorado com três bandas verticais de motivos vegetalistas (elementos serpenteantes com volutas e talvez folhas de louro) separadas a espaços regulares. Apresenta uma consistência macia que cede ao toque das mãos dos convivas. Este *pulvinum* pode pertencer a um leito semicircular ou leito sigmático, também designado como *stibadium*, frequentemente utilizado na Antiguidade Tardia.

Não há uma mesa, a refeição parece desenrolar-se ao nível do solo onde, de um lado e do outro lado, em primeiro plano, à frente do *stibadium*, se encontram os assistentes de Mithras. Estes são os dois transportadores do facho ou dadóforos que se vestem de igual forma como o deus-Sol e Mithras e usam o barrete frígio como este último.

Um dos assistentes é Cautes do lado esquerdo do observador - 4. Cautes, que geralmente transporta a tocha voltada para cima, neste caso deixou-a deitada por terra porque tem as mãos ocupadas com algo que parece querer entregar ao deus-sol e que fará parte da refeição. A identificação daquilo que transporta não tem sido fácil: na sua mão direita, um pedaço de pão? e na esquerda, um ritão ou uma pátera? Do lado direito do observador encontra-se Cautopates, nº 5 que, com a sua mão esquerda, segura a tocha que habitualmente transporta voltada para baixo. Com a mão direita não deixa de, tal como Cautes, servir à mesa: segura um vaso aparentemente com uma asa, de formato globular decorado com gomos verticais cujo conteúdo verte no grande vaso central. Cautopates - 5 - também aparece no painel do lado esquerdo numa escala aumentada segurando a sua tocha invertida. Um grande vaso com duas asas, com o pé sobre o plinto - um krater - 6 - encontra-se no centro da refeição, no solo. Uma serpente - 7 -, com o corpo coberto por escamas, parte do

solo enrolando-se uma vez à volta do corpo do vaso até atingir a boca do mesmo bebendo dele.

No painel do lado esquerdo do observador sob a abóbada, encontra-se Cautopates - 5 -. A pata de um animal cobre parcialmente a sua tocha invertida - 8, mostrando que aqui se desenrolaria a cena do sacrifício do touro ou a tautoctonia que teria lugar no interior de uma gruta. No canto superior direito, fora do espaço abobadado, um busto, possivelmente envergando uma túnica, olha em frente com as duas pontas de um crescente lunar a despontar dos ombros combinando-se com um possível nimbo/auréola sobre a cabeça. É a Lua - 9 - como que envolvida por uma moldura circular ou *clipeus* (cfr. Limão, 2021: 508-509).

Nesta peça reúnem-se dois episódios fundamentais - a tauroctonia e o banquete entre o deus Mithras e o deus-Sol - no conjunto dos Mistérios de Mithras, um deus romano inspirado num dos participantes fundamentais do panteão iraniano antigo, Mitra (Bricault, 2021: 27). Este culto espalhou-se pelo Império Romano e nele vigorou entre os séculos I e o V e, na ausência de uma narrativa explicativa dos seus processos culturais mantidos em segredo, a narrativa visual, quer em escultura, pintura ou mosaico, constitui a base para a compreensão - nem sempre fácil e com muitas interpretações - dos seus princípios e rituais nomeadamente de iniciação. Esta peça é muito importante por narrar visualmente estas duas cenas da vida do deus Mithras, o sacrifício do animal sagrado e o banquete apaziguador conferindo grande valor cultural ao local onde se encontraria.

A narrativa visual do baixo-relevo de Tróia é muito viva, impregnada de texturas, de decoração visível nas vestes e no almofadão/pulvino e de movimento. Esta vivacidade nota-se nos gestos e atitudes como se as cenas rituais, tanto a do sacrifício como a da partilha da bebida e comida, se desenrolassem à frente dos nossos olhos e tivessem a intenção de causar impacto no observador.

Franz Cumont, arqueólogo e historiador belga especialista em assuntos mitraicos, ao ver as primeiras fotografias desta peça em 1934 e 1935, considerou-a muito interessante, referindo que teria particularidades que não apareciam em outros monumentos de Mithras (Jalhay, 1948:533). Não chegou, no entanto, a identificar as particularidades que teria notado. Posteriormente, Garcia y Bellido referindo-se à cena do banquete de Tróia (1949: 397) assinalava que, embora reproduzindo um episódio

característico dos Mistérios de Mitras, o fazia de uma forma “completa, clara e única”; e ainda acrescentava que a mudança de função dos dois dadóforos, Cautes e Cautopates, para se tornarem assistentes da refeição (1949: 397) consistia numa originalidade. Um outro pormenor a salientar nesta narrativa é a mão grande e bem desenhada do deus Mitras sobre o ombro do deus-sol, numa atitude que interpretamos como amigável mas simultaneamente de domínio de Mithras sobre Helios. É uma opção narrativa pensada para ter com efeito sobre o observador.

A peça apresenta danos que se afiguram intencionais nos rostos de algumas personagens como é o caso do rosto de Cautopates na cena incompleta da esquerda; na cena da direita, no banquete de Mithras e do Deus-Sol, o dano verifica-se nos rostos de Mithras, Helios e Cautes; em Cautopates, por sua vez, não é tão notório. Há dano intencional também na cabeça da serpente. Esta ocorrência foi testemunhada durante a limpeza da peça no Museu Nacional de Arqueologia, a que nos referimos anteriormente, e vai de encontro ao que já tinha sido referido em 1930-1931 pelo arqueólogo que descreve a descoberta do baixo-relevo, António Inácio Marques da Costa (1930-1931, p. 10).

II. Propostas de reconstituição do baixo-relevo de Tróia

Quando foi encontrado, o baixo-relevo mitraico apresentava-se partido em cinco fragmentos como se comprova pela fotografia de 1940 da autoria de Maxime Vaultier publicada por Jalhay (1948:532). Em 1946, numa outra fotografia do baixo-relevo tirada por Augusto Abreu Nunes e igualmente publicada por Jalhay, verifica-se que o baixo-relevo apresenta mais uma quebra na cena do banquete e que um fragmento dos iniciais estava perdido (Jalhay, 1948:532 e 537). É Garcia y Bellido, em 1949, que informa que o fragmento perdido tinha sido encontrado (p. 395). Deste modo, o baixo-relevo passou a ter, entre 1940 e 1946, em circunstâncias que se desconhecem, seis fragmentos posteriormente colados cujas linhas se vêem claramente no tardo da peça (Fig.4 E).

O baixo-relevo de Tróia tem um comprimento incompleto de 81,5 cm por uma largura de 64,5 cm. A espessura superior da peça varia entre os 50 e os 70 mm. A espessura lateral do painel do banquete

(lado direito do observador) é de 53 mm. Deve notar-se os dois pontos ao longo da espessura superior da peça. Um, no canto superior direito, pode ser um orifício; a meio da espessura, na linha divisória dos dois painéis, estão um orifício (diâmetro de 2 cm X 1,5 cm com a profundidade de 1,7 cm) e um ponto que parece ter um pequeno elemento de metal inserido na espessura da peça (Fig. 4 B e C). A espessura inferior da peça é maior do que a superior, 85 mm (Fig. 4 D).

A incompletude do baixo-relevo de Tróia tem conduzido à formulação de propostas de reconstituição que oscilam entre a hipótese de um tríptico e de um díptico. As hipóteses para a reconstituição de uma peça com estas características envolvem questões mais profundas como as de uma narrativa dos episódios da vida de Mithras e mesmo a maneira como estas imagens seriam dadas a conhecer a quem as via. Tratar-se-ia de uma forma de transmissão visual da informação no contexto mitraico que os investigadores apesar de muitos esforços ainda não conseguiram compreender totalmente (Kirichenko, 2005: 2-6).

2.1. A hipótese de Garcia Y Bellido - tríptico e painéis múltiplos

Garcia y Bellido, em 1949, considerou que a peça faria parte de um tríptico, propondo que, sobre a parte superior da peça, corresse uma outra faixa de igual comprimento e largura com relevos alusivos a Mithras. E acrescentou sobre a sua ideia e desenho hipotético que publicou: “talvez, dadas as proporções demasiado alargadas que resultam (da proposta de reconstrução) houvesse outra terceira faixa superior, mas é proposta que não defendo.”(1949: 395). Posteriormente, na sua publicação de 1967 (p. 36), Garcia Bellido explicou, de uma forma mais objetiva, a sua proposta: no seu entender, a peça de Tróia faria parte de um tríptico que estaria incluído num conjunto de painéis múltiplos formando um retábulo. Acrescenta que, a cena fragmentada do lado esquerdo, correspondente a Mithras *tauroctonos*, teria o dobro da dimensão da cena do banquete do lado direito, uma vez que seria a cena a ocupar o centro do relevo.

A partir da proposta de tríptico e painéis múltiplos de Garcia Y Bellido, elaborámos um desenho. Imaginámos os painéis múltiplos repetidos na parte superior da peça levando em conta a existência de um orifício e de uma peça metálica sobre a moldura que separa o painel direito do

esquerdo. O orifício poderia ser usado para encaixar um painel sobre o inferior e a peça metálica talvez para segurar a peça à parede. No canto superior direito, nota-se um possível orifício que poderia eventualmente ser usado também para encaixe de uma outra peça sobre a inferior (pontos a verde na Fig. 5). É de notar que o painel central não aparenta ter moldura a separá-lo da cena sobreposta. Poderia eventualmente prolongar-se sem divisão de moldura (Fig.5).

Ao longo do século XX, a maior parte dos autores que se refere ao baixo-relevo de Tróia repete a ideia de que este seria um tríptico como Garcia y Bellido propôs (Garcia y Bellido, 1949: 395; 1967: 36; Matos, 1966: 165; Alarcão, 1974: 173; Maciel, 1996:129; Alvar, 2002: 206; Gonçalves, 2007: 356). No entanto, não consideraram ou não desenvolveram a sugestão de se tratar de um peça com painéis múltiplos, uma proposta que nos parece plausível.

2.2. A hipótese de Claudina Romero - díptico

Uma segunda hipótese para a reconstituição do baixo-relevo foi avançada por Claudina Romero que, em 2016, fez uma tese de doutoramento sobre Iconografia Mitraica na Hispânia (2016: 148, 556; e posteriormente 2018:178-179 e 2019: 231 e 232). Segundo Romero, o baixo-relevo seria um díptico fundamentando-se na articulação intrínseca entre os dois temas dos dois painéis, a tauroctonia e o banquete. O paralelo encontrou-o no baixo relevo de Fiano Romano (Itália, datação atribuída ao século II) em que as duas mesmas cenas aparecem nos lados opostos de um painel reversível cujas medidas (62X67 cm) são muito aproximadas às dos painéis do baixo-relevo de Tróia. Romero propôs que o baixo-relevo de Tróia pudesse ter sido um díptico com as mesmas cenas que estão representadas no altar reversível de Fiano Romano. Acrescentou que a base para os autores considerarem o baixo-relevo de Tróia como tríptico se deve à concepção de uma narrativa completa e linear em que o momento da tauroctonia tem de ser central tendo de estar acompanhado por uma cena de cada lado (2016: 556). Romero é ainda muito clara a afirmar que desconhece a presença de trípticos na iconografia mitraica (2016:148, 244). Notamos que o painel do lado esquerdo do baixo-relevo de Tróia é diferente do painel do lado

direito no que respeita às molduras que os envolvem. O painel do lado direito apresenta um contorno em moldura enquanto que o painel esquerdo apenas tem a moldura inferior e a que o divide do painel ao seu lado. Este aspecto poderá contradizer o princípio de homogeneidade estrutural que seria expectável nos dois painéis no caso de se tratar de um díptico. Esta homogeneidade existe no relevo de Fiano Romano.

Aplicámos a sugestão de painéis múltiplos avançada por Garcia y Bellido à proposta de díptico de Romero, num desenho hipotético conjugando os dois (Fig. 6). Temos assim um contraponto ao desenho anterior (Fig.5). Embora as hipóteses de um tríptico ou díptico careçam de estudos mais aprofundados, a proposta de que o baixo-relevo de Tróia possa ser constituído por painéis múltiplos parece encontrar nas particularidades (orifício e peça metálica) materiais da peça alguma consistência e plausibilidade. Fig.6. Proposta de díptico baseada em Claudina Romero com painéis múltiplos tendo em conta os orifícios e peça metálica na moldura do painel do banquete.

III. A descoberta do baixo-relevo em Tróia

O baixo-relevo mitraico foi descoberto em Tróia, actualmente, as Ruínas Romanas de Tróia localizadas numa península arenosa com o mesmo nome na margem esquerda do estuário do Rio Sado, na costa sudoeste atlântica de Portugal. Tróia foi um centro de produção de salgas de peixe (peixe seco e molhos) um “complexo industrial” (Mayet, 1994), operando em numerosas oficinas com cetárias de dimensões variadas desde, pelo menos, os tempos do imperador Tibério, no início do século I. O povoamento de Tróia situa-se à entrada de uma lagoa chamada Caldeira, na parte norte da Península em frente à actual cidade de Setúbal, a romana *Caetobriga*, no continente. Tróia, na administração romana, estava abrangida pela *ciuitas* de *Salacia* (Alcácer do Sal) na província da Lusitania (Alarcão, 2011: 336; Pinto, 2014:146, 154; Limão; Maciel, 2017; Mantas, 2010: 217; Soares, 2018:15, fig. 6 e p. 26) (Fig.7).

A primeira referência detalhada ao local e à descoberta do baixo-relevo deve-se ao arqueólogo António Inácio Marques da Costa que, desde 1898 (pp. 344-352), se dedicou ao estudo de Tróia preocupando-se com os seus aspectos geomorfológicos, históricos e arqueológicos (1898, 1923/1924, 1925/1926

(ed. 1929) e 1930/1931 (ed.1934)). No volume XXIX do *Archeólogo Português* datado de 1930/1931 e publicado em 1934, Marques da Costa volta a falar das habitações junto à zona da Boca da Lagoa ou Caldeira (a primeira vez fora em 1923-1924) informando da descoberta do baixo-relevo e fazendo um esboço à vista do local: “...onde se encontraram espalhados no solo cinco fragmentos de uma lápide de mármore branco...”(1930-1931:5-6). Este local fica muito próximo da actualmente designada Basílica paleocristã de Tróia, à qual o autor chama “capela sepulcral” (1930-1931, estampa 1). Analisando o esboço de Marques da Costa sobre a localização do achado do baixo-relevo, pode ver-se nele a referência a determinados pontos que ainda hoje aí se podem encontrar (Fig 8). É o caso de: 1. A capela de Nossa Senhora do Rosário de Tróia do século XV; 2. O Palácio de Joaquim Sotto Mayor do inícios do século XX e proprietário destes terrenos à época (Costa, 1923-1924: 318) E ainda a “casas” 1 (a vermelho) e 2 (a castanho) com cetárias que Marques da Costa identifica nas ruínas. A primeira, a casa mais a norte, “no pavimento rectangular do r/c e a cada um dos dois cantos mais próximos da parede-mestra do lado da viela V’ (..) há dois pares de tanques.” E acrescenta: “E ao lado sul da casa anterior (...) no pavimento rectangular havia quatro fileiras de tanques contíguos” (Marques da Costa, 1930-1931: 4 e 5). Finalmente, num quadrado castanho, à direita da “ Casa 2,” ficaria o local onde, segundo Marques da Costa, se descobriram os cinco fragmentos da peça. Diz ser um local um pouco elevado, “numa casa estreita e comprida na forma de corredor” (1930-1931: 5).

Ao articular este esboço com as plantas mais recentes feitas pela equipa de arqueologia da Ruínas Romanas de Tróia sob coordenação de Inês Vaz Pinto, constata-se que (Fig. 9):

1. As referências de Marques da Costa às casas 1 e 2 podem relacionar-se com os tanques das oficinas 5 e 3 constituindo o nível mais antigo de ocupação do local. A “Casa 2” corresponde a parte da oficina 5. A “Casa 1,” à oficina 3; 2. A basílica paleocristã surge a vermelho. Os fragmentos teriam então surgido numa área designada por G correspondente à cabeceira da basílica paleocristã. Para Inês Vaz Pinto, uma casa “ estreita e comprida” seria o H (Pinto, 2016: 314). A proximidade do local do achado do baixo-relevo com a basílica paleocristã datada de meados do século IV pode demonstrar a continuidade sagrada do local. Fig. 9. Conjugação da

indicações do esboço de Marques da Costa (Fig. 8) com as plantas das oficinas de preparados de peixes em Tróia. Adaptado de Pinto, 2016, p. 314.

Embora Marques da Costa registre com detalhe o local do achado do baixo-relevo (1930-1931, publicado em 1934) não indica uma data concreta para a sua descoberta. De acordo com a maioria dos autores que se referiu a esta peça, a descoberta ter-se-ia dado no ano de 1925, embora, em alguns casos, o refiram com incerteza (Almeida e Matos, 1969 (publicado em 1972): “ Por volta de 1925”...p. 415; Maciel, 1996:130, considera que a peça de Tróia foi descoberta “na mesma altura” que o relevo de Fiano Romano, em 1926; Gonçalves, 2007:356 refere: “entre 1923 e 1925”; Ribeiro, 2002:479, “ ...por volta de 1925...”). Consultando a MatrizNet da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), a informação é a de que a sua descoberta ocorreu no ano de 1925.

De onde procederá a informação de 1925? Supomos que a sua fonte é Garcia y Bellido, (1949:394) quando afirma que não se consegue precisar a data da descoberta mas que será aproximadamente o ano de 1925. Supomos que este ano - 1925 - terá resultado de uma estimativa feita por Garcia y Bellido a partir das publicações de Marques da Costa sobre as escavações em Tróia em 1923/1924, 1925/1926 e 1930/1931. É de salientar, no entanto, que destas três publicações, a que se refere aos anos de 1925 e 1926 não faz qualquer referência, ao contrário das outras, às escavações na área próxima da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Tróia onde se descobriram vestígios da futuramente designada basílica paleocristã e onde os cinco fragmentos de baixo relevo foram encontrados.

Portanto, consideramos que o baixo-relevo mitraico foi encontrado em Tróia na segunda metade ou final da década de 20 do século XX.

IV. A cronologia atribuída ao baixo-relevo de Tróia

O baixo-relevo com o banquete dos deuses Mithras e Helios tem sido genericamente atribuído ao século III pela maioria dos autores que o estudam (Souza, 1990: 73; Maciel, 1996:130; Alvar, 2002:206; Gonçalves, 2007:355; Romero 2021:414). Foi mais uma vez Garcia y Bellido que fez inicialmente esta atribuição cronológica com base em dois tipos de critérios. O primeiro, é estilístico e decorativo: em 1949, o autor refere que a

ornamentação dos leitos/almofadões/pulvinos onde os convivas do banquete estão recostados faz lembrar “ os grandes colchões que se vêem nos sarcófagos orientais do século III com figuras reclinadas” (p. 396). O segundo critério é arqueológico: em 1967, o autor escreve que não há indicações claras sobre a datação do baixo relevo mas que: “de acordo com as características das ruínas de Tróia será possível datar o baixo relevo de cerca do século III”(p. 36 e 37). Enquanto que este argumento nos parece vago, o argumento estilístico e decorativo é interessante porque alguns sarcófagos romanos dos séculos II e III apresentam o tipo “kline” (Awan, 2007). Nestes, na tampa do sarcófago surge o falecido reclinado sobre colchões com uma decoração em bandas regulares. São exemplos, o sarcófago de Aquiles, oficina ática (anos 180-220 d. C.) no Paul Getty Museum (95.AA.80.1); ou o sarcófago tipo asiático dito de Rapolla no Museu de Melfi atribuído ao ano 170 d. C. (Thomas, 2010:412). Ainda um sarcófago de mármore com decoração em grinaldas da cidade de Roma, no Paul Getty museum (Nº 11. c 200-210 CE), apresenta folhas de louro semelhantes às do pulvino do baixo-relevo de Tróia (Koch, 1988:30-31).

A proximidade iconográfica entre o baixo-relevo de Tróia e o de Fiano Romano assinalados por Justino Maciel (1996:130) e Romero (2016: 556) podem levar a reajustar a cronologia da peça de Tróia para os séculos II-III. Romero, embora aceitando a atribuição do século III para o baixo-relevo de Tróia, faz questão de assinalar que: “a qualidade do relevo, o detalhe e o carácter narrativo deste altar Lusitano, vinculam-no com o altar de Fiano Romano conservado atualmente no Museu do Louvre.”

V. O mármore do anticlinal de Estremoz numa produção da Lusitânia

A primeira pessoa a dar um grande valor ao baixo-relevo de Tróia foi Franz Cumont, que incentivou a realização de escavações sistemáticas no local onde foi encontrada. Considerou que esse local seria “ a *cella* de um templo de Mithra” (Jalhay, 1948:533). Não chegou a concretizar esse seu desejo, devido à guerra que eclodiu na Europa e à sua morte em 1947 (Jalhay, 1948:537).

A descoberta do baixo-relevo continua a levantar a questão sobre existência de um local em Tróia dedicado ao culto do deus Mithras - um *mithreum*. O valor simbólico das cenas representadas nos seus painéis provam indubitavelmente a relevância cultural do local onde se encontraria o baixo-relevo. No entanto, há alguma discussão sobre se o local onde o baixo-relevo foi encontrado em Tróia corresponderia à localização original do *mithraeum* ou se seria o lugar onde a peça foi abandonada após perder o seu valor de culto (Romero, 2016:242). As razões seriam as grandes dimensões do baixo-relevo comparativamente com o local onde foi encontrado e o facto de estar fragmentado. Poder-se-á talvez acrescentar a esta ideia, os danos intencionais aos rostos das personagens representadas nos painéis do baixo relevo. Esta poderia ser mais uma informação a favor do abandono e esquecimento intencionais da peça em local fora do seu contexto cultural feito por alguém já bem distante dos Mistérios de Mithras. Talvez que futuras escavações no local possam ajudar a encontrar a resposta.

Apesar de algumas opiniões iniciais menos abonatórias da qualidade artística do baixo-relevo (Garcia y Bellido, 1949:394-395; o autor explica, no entanto, que desconhece o paradeiro do baixo-relevo e que, por isso, “carece de autópsia”; Matos, 1966:164), a sua boa qualidade escultórica é reconhecida (Maciel, 1996:130; Gonçalves, 2007: 626-628; Romero, 2018:199). Esse reconhecimento tem levantado a hipótese de o baixo-relevo ter sido produzido numa boa oficina de escultura fora da Lusitânia e mesmo da Hispânia equacionando a sua vinda da península Itálica para o lugar de Tróia. Aliás, esta hipótese começou bem cedo com Jalhay ponderando a vinda do baixo-relevo de Ostia (1948:539).

É neste contexto que as análises feitas por Pilar Lapuente para determinar a proveniência do mármore da peça se revelam de grande importância (2020). As análises apontam para a utilização de um mármore oriundo do Anticlinal de Estremoz, ou seja para o uso de um dos mármore mais conhecidos da Lusitânia e da Península Ibérica (Limão, Lapuente, 2023). Esta utilização de um mármore quase regional indicia que a peça foi produzida na província da Lusitânia talvez por artesãos locais ou por uma equipa itinerante mas que fez um trabalho de qualidade revelando conhecimento dos Mistérios de Mithras.

A Lusitânia, ao contrário de outras províncias romanas da Península Ibérica, importava poucos mármore talvez devido à dificuldade de descarregar os navios e transportar depois o material por terra e utilizava os seus recursos desde o século I (Maciel, 1990:84; Mañas, 2006:18, 20, 21; Nogales et al, 2006:409, 414, 434, 437; Lapuente et al, 2014). Os mármore do Anticlinal continuaram a ser usados ao longo dos séculos III e IV (Maciel, 1998:240, 241; Mañas, 2008:496; Nogales et al., 2006:443, 446; Nogales et al., 2015: 255) e o transporte fazia-se sobretudo por via terrestre (Mañas, 2006:23). A existência de vias terrestres facilitou muito a utilização deste mármore na Lusitania. Na época romana, a zona de Estremoz encontrava-se no centro de um núcleo muito importante de comunicações de toda a província, muitas estradas atravessavam esta área como se comprova pelos miliários. Por sua vez, Tróia está muito próxima de *Caetobriga* que é atravessada pelo XII Itinerário de Antonino Pio ligando *Olisipo* a *Emerita Augusta*, a capital da Lusitânia, onde também os mármore do Anticlinal eram usados. O itinerário XII passa pelo Anticlinal de Estremoz (Carneiro, 2020:60) tornando este material acessível a Tróia. As grandes “vias do mármore” puseram o Anticlinal em contacto com cidades da Lusitânia como Mérida (*Emerita Augusta*), Évora (*Ebora*), Lisboa, (*Olisipo*), Conimbriga e certamente também com Tróia (Fig. 10). Fig.10. Duas vias do itinerário que ligava Lisboa (*Olisipo*) a Mérida (*Emerita Augusta*). Passam junto a Évora (*Ebora*) e contornam as pedreiras do Anticlinal de Estremoz. Adaptado de Alarcão, 1988, pp. 56-57

Conclusão

Até recentemente, o baixo-relevo de Tróia era a única evidência artística da tauroctonia na província da Lusitânia, sendo nesta que se encontra o “maior número de testemunhos plásticos mitraicos na Hispânia” (Romero, 2016:148). A revisão feita pelo Museu de Arte Romano de Mérida às peças de teor mitraico que foram descobertas no Cerro de San Albin no início do século XX permitiu interpretar como mitraicas e comprovativas da tauroctonia, um fragmento da capa ou *chlamys* usada por Mithras e a cauda do touro já transformado em espiga de trigo. Como afirma Romero, só nesse momento ...”poderíamos afirmar que a grande tauroctonia

do *mithraeum* de Mérida foi finalmente descoberto (Romero, 2018:180).

Acrescente-se que, os referidos dois fragmentos poderão ter sido produzidos em mármore do Anticlinal de Estremoz (Romero, 2018:186; algumas dúvidas quanto às análises que fundamentam a atribuição, ver Lima, Lapuente, 2023) e que, pela sua qualidade técnica, poderão “aludir a Demetrios (artista que assinou o Dadóforo de San Albin),” sendo esta peça feita em mármore de Estremoz (Romero, 2018:190-191; Lapuente et al. 2014: 349).

Daqui se depreende que o baixo-relevo descoberto em Tróia com a representação do banquete entre Mithras e Helios e da tauroctonia não só apresenta as cenas emblemáticas do culto mitraico como, tendo sido produzido em mármore do Anticlinal de Estremoz, partilha a utilização desse material com peças de *Emerita Augusta* -ligados que estão os dois locais com “ as vias do mármore”- de reconhecida qualidade técnica e reveladoras de um conhecimento aprofundado dos Mistérios de Mithras. A narrativa visual da peça de Tróia evidencia conhecimento mitraico e, nas suas particularidades narrativas, poderá notar-se uma especificidade de oficina, um assunto a desenvolver. A importância do baixo-relevo de Tróia, em mármore do Anticlinal de Estremoz, provavelmente produzido por uma oficina operando na vizinhança das pedreiras, mede-se também pelo local onde foi encontrado, um centro produtor de salgas de peixe, um porto no extremo mais ocidental do Império Romano, que se afirma na encruzilhada entre a terra, as estradas, o rio e o mar, atraindo diversas gentes entre os quais os seguidores dos Mistérios de Mithras.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à família Narciso pela autorização para recolher as amostras do mármore do baixo-relevo de Tróia para as análises para determinar a sua proveniência. Ainda pela confiança em me nomearem como *courier* da peça na sua ida e vinda de Toulouse. E, de um modo geral, pela disponibilidade demonstrada em todas as vezes que visitei a peça para poder desenvolver a minha investigação. Gostaria de deixar um palavra especial de estima, apreço e amizade ao Sr. José Narciso, meu primeiro interlocutor nos assuntos do baixo-relevo.

Gostaria de agradecer ao meu professor Justino Maciel por me transmitir o gosto pela Antiguidade e por me proporcionar a continuação do estudo do baixo-relevo de Tróia.

Gostaria de agradecer ao director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. António Carvalho, pela motivação e acompanhamento em todo o processo de empréstimo da peça para a exposição *Le Mystère Mithra*. Igualmente, à Dra. Patrícia Baptista e Dra. Margarida Santos pelos conselhos de *courier* e pela possibilidade de acompanhar a limpeza da peça no Museu Nacional de Arqueologia.



Fig. 1

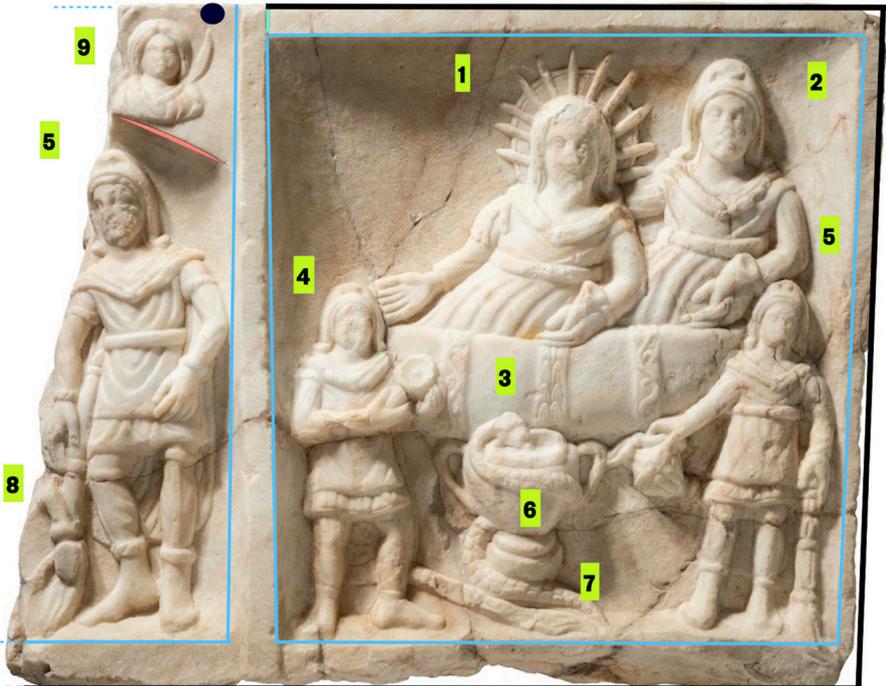


Fig. 2

Fig. 3



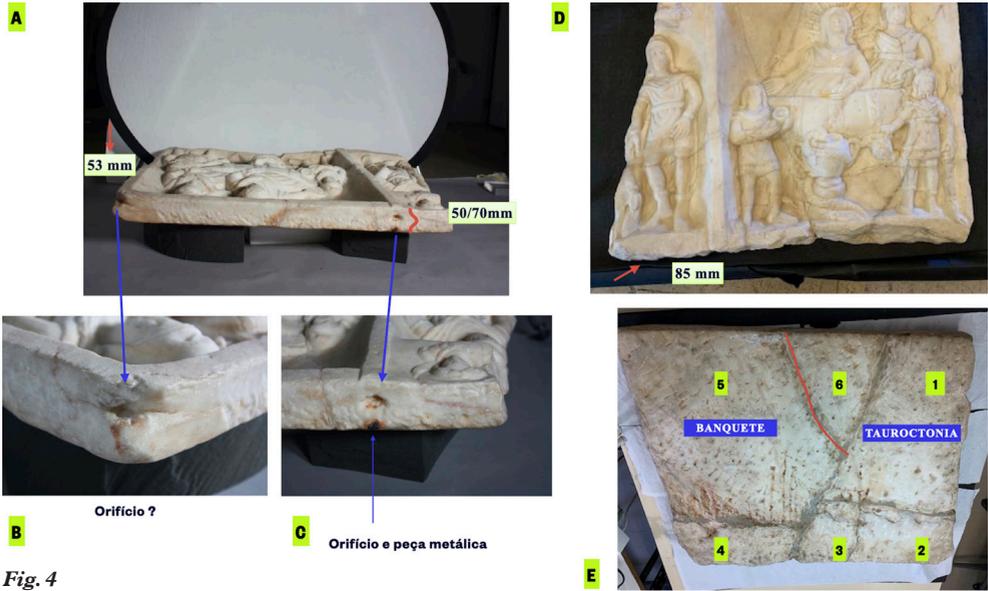


Fig. 4

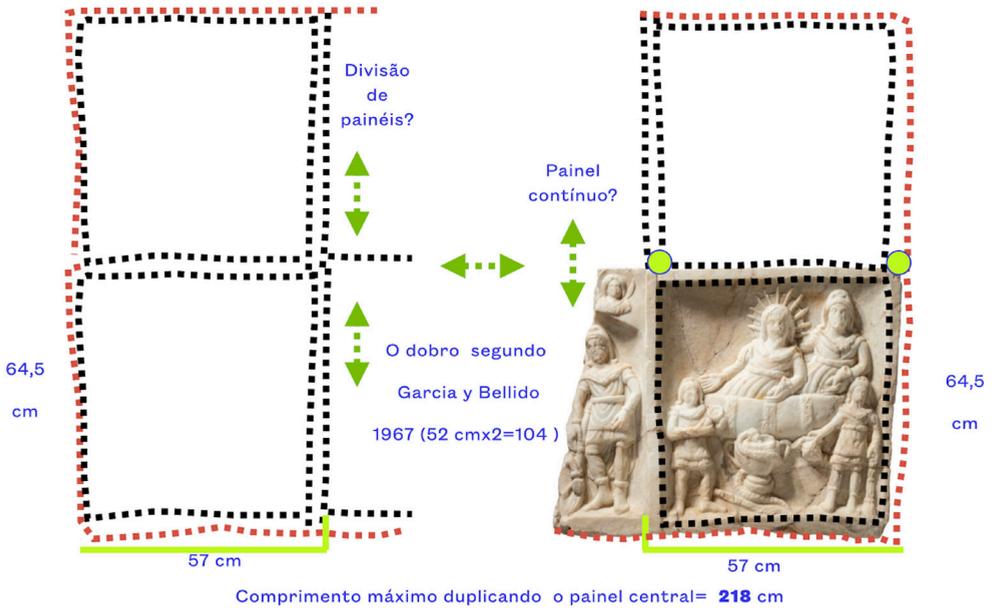


Fig. 5

O dobro da largura segundo Garcia y Bellido 1949:129 cm

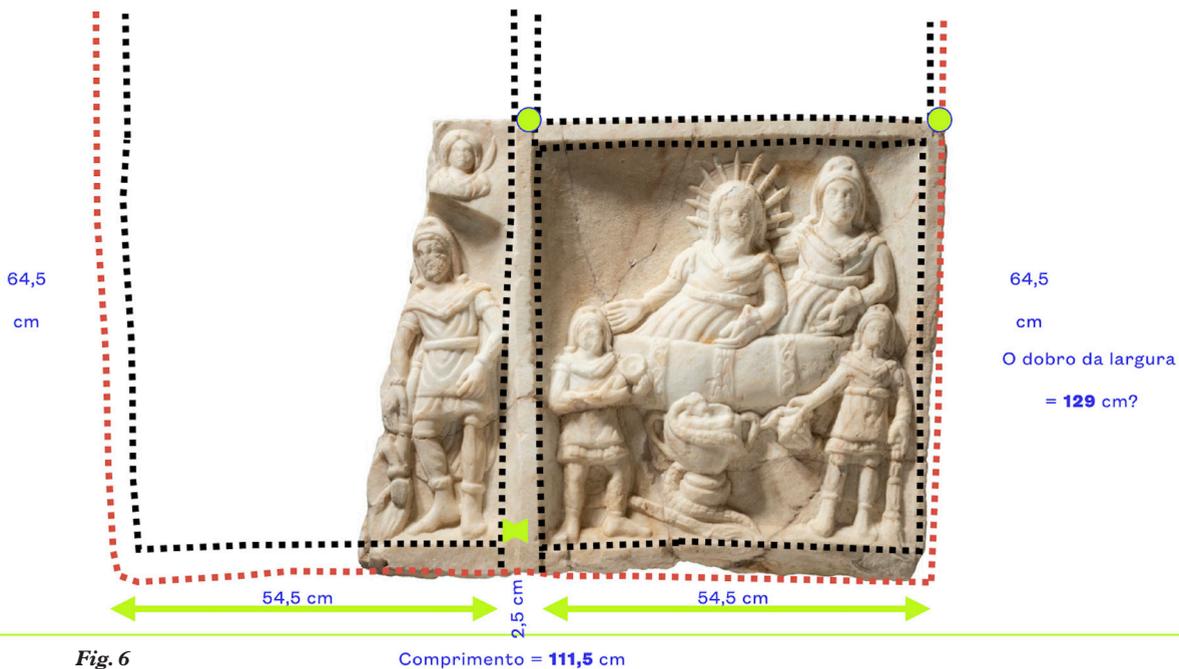


Fig. 6



Fig. 7

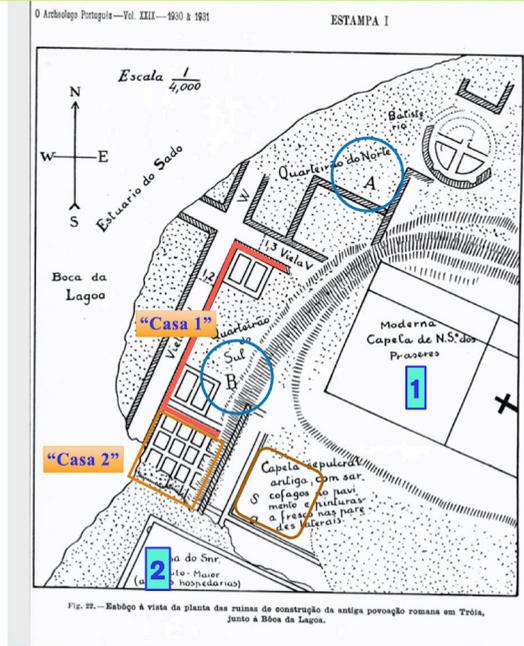


Fig. 8



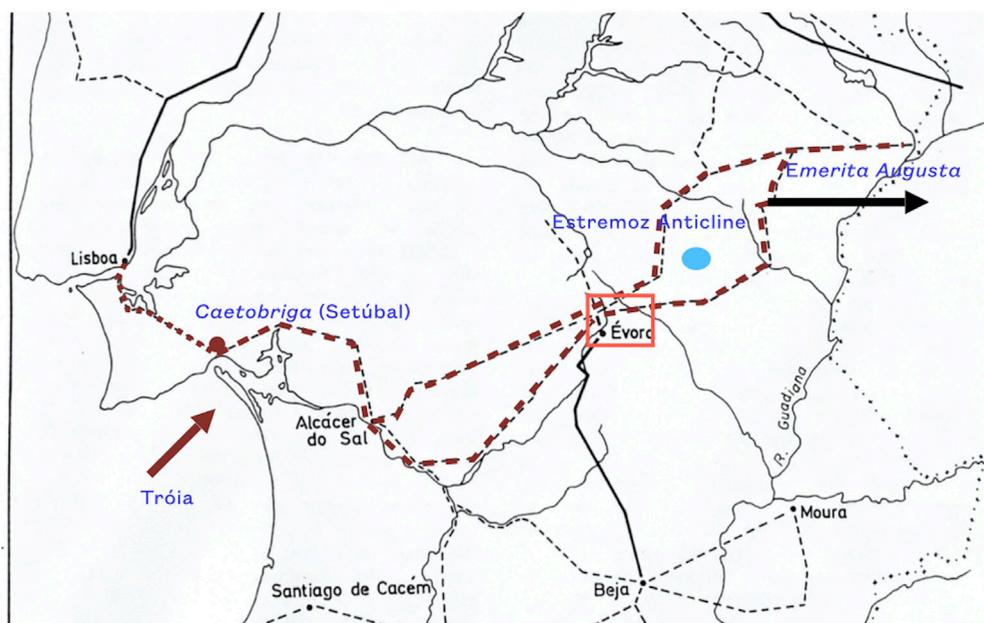


Fig. 10

Figuras

Fig. 1. O baixo-relevo em mármore com o banquete dos deuses Mithras e Hélios (Tróia, Portugal). Fotografia José Paulo Ruas (2022). ADF/DGPC.

Fig. 2. Os painéis e as personagens do baixo-relevo em mármore com o banquete dos deuses Mithras e Hélios (Tróia, Portugal). Fotografia José Paulo Ruas (2022). ADF/DGPC.

Fig. 3. Detalhe da mão de Mithras sobre o ombro de Helios. Fotografia Filomena Limão.

Fig. 4. As medidas do baixo-relevo e os seis fragmentos constituintes. Fotografias Filomena Limão (2022).

Fig. 5. Proposta de tríptico baseada em Garcia y Bellido com painéis múltiplos tendo em conta os orifícios e peça metálica na moldura do painel do banquete.

Fig. 6. Proposta de díptico baseada em Claudina Romero com painéis múltiplos tendo em conta os orifícios e peça metálica na moldura do painel do banquete.

Fig. 7. A localização estratégica de Tróia entre terra, rio e oceano. Na foto da direita, o círculo a preto à esquerda ilustra o local da basílica paleocristã; o círculo a preto um pouco abaixo à direita corresponde a uma área de oficinas com cetárias e termas. Imagens adaptadas do google maps.

Fig. 8. Identificação de espaços junto à Capela de Nossa Senhora do Rosário de

Tróia com base no esboço de Marques da Costa. Adaptado de A.I. Marques da Costa, “Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal”, *O Archeólogo Português*, 1930-1931, I.

Fig. 9. Conjugação da indicações do esboço de Marques da Costa (Fig. 8) com as plantas das oficinas de preparados de peixes em Tróia. Adaptado de Pinto, 2016, p. 314.

Fig.10. Duas vias do itinerário que ligava Lisboa (*Olisipo*) a Mérida (*Emerita Augusta*). Passam junto a Évora (*Ebora*) e contornam as pedreiras do Anticlinal de Estremoz. Adaptado de Alarcão, 1988, pp. 56-57.

Referências

Online

MatrizNet : Baixo-relevo de Troia-MatrizNe

As Ruínas romanas de Tróia: ruinas-romanas-de-troia

A Exposição em Toulouse: MithraPour-en-savoir-plus

A Exposição em Lisboa, Religiões da Lusitânia:
ReligioesLusitania

O Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa:
museunacionalarqueologia

O Relevo de Fiano Romano: mithrasFianoRomano

Roman Sarcophagi Metropolitan Museum, Nova Iorque:
RomanSarcophagi

Bibliografia

Alarcão, J. (1988). Roman Portugal. Volume I e II. Warminster: Aris & Phillips Ltd.

Alarcão, J. (2011). Os Cornelii Bocchi. Tróia e Salácia. In *Lucius Cornelius Bochus. Escritor Lusitano da Idade a Prata da Literatura Latina*. Lisboa: Academia Portuguesa de História. Madrid: Real Academia de la Historia.

Almeida, F. de; Matos, J. L. (1972). Notícias arqueológicas. In *Actas da I Jornada Arqueológica, Lisboa-1969*. Vol.II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 415-419, figuras 1 a 6.

- Alvar, J. (2002). Cultos orientais e mistérios na província da Lusitânia. In *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 205 - 210.
- Awan, H. T. (2007). Roman Sarcophagi. In *Heilbrunn Timeline of Art History*. New York: The Metropolitan Museum of Art. Consultado a 29 de Março de 2023. Disponível em RomanSarcophagi
- Bricault, L. (2021). *Le Mystère Mithra. Plongée au cœur d'un culte romain*, Musée Royal de Mariemont.
- Carneiro, A. (2020). A Exploração Romana do mármore no Anticlinal de Estremoz: Extracção, consumo e organização. In *Paisajes e Historias en Torno a la piedra, Monografías de Prehistoria y Arqueología*. 1. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), 1, p. 53-87.
- Costa, A. I. M. da (1898). Estudos sobre Tróia de Setúbal. 8. Edificações de Tróia. *O Archeólogo Português*. 1.^a série, volume IV, Lisboa: Museu Ethnographico Português, p. 344-352;
- Costa, A. I. M. da (1923/1924). Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Archeólogo Português*. 1.^a série, vol. XXVI, Lisboa: Museu Etnológico Português p. 314-328.
- Costa, A. I. M. da (1925/1926 ed .1929). Estudos sôbre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal (cont.). *O Archeólogo Português*. 1.^a Série, vol. XX-VII, Lisboa: Museu Etnológico Português, p. 165-181.
- Costa, A. I. M. da (1930/1031; ed.1934). Estudos sôbre algumas estações da época luso-romana nos arredores de

- Setúbal: (cont.). *O Archeólogo Português*. 1.^a Série, vol. XXIX, Lisboa: Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos, p. 2-31.
- Étienne, R.; Makaroun, Y.; Mayet F. (1994). *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Boccard.
- García Y Bellido, A. (1949). *Esculturas romanas de España y Portugal*. Volumes I e II. Madrid: C.S.I.C.
- García y Bellido, A. (1967). *Les Religions orientales dans L'Espagne Romaine*. Leiden: E. J. Brill.
- Gonçalves, L. J. R. (2007). *Escultura romana de Portugal: uma arte do quotidiano*. I e II, *Studia Lusitana*, 2, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Jalhay, E. (1948). *Franz Cumont e o baixo-relevo mitraico de Tróia (Setúbal)*. *Brotéria*, XLVI, Fasc. 5, Lisboa: pp. 529-539.
- Kirichenko, A. (2005). *Hymnus invicto: The structure of Mithraic cult images with multiple panels*. Consultado a 27 de Março de 2023. Disponível em <https://journals.ub.uni-heidelberg.de/index.php/gfa/article/view/75319>
- Koch, G. (1988). *Roman funerary sculpture. Catalogue of the collections*. In The J. Paul Getty Museum, Malibu, California.
- Lapiente, P., Nogales-Basarrate, T., Royo, H., Brilli, M. (2014). White marble sculptures from the National Museum of Roman Art (Mérida, Spain): sources of local and imported marbles. *Eur. J. Mineral.* 26, 333-354.
- Limão, F.; Maciel, J. (2017). Tróia. In *The Encyclopaedia of Ancient History*, p. 1-2. consultado em 2022. Available at <http://>

onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781444338386.wbeah30227/abstract

Limão, F. (2021). Fragment de bas-relief avec le banquet de Sol et Mithra. In *Le Mystère Mithra. Plongée au cœur d'un culte romain*, Musée Royal de Mariemont, p. 508-509.

Limão, F., Lapuente, P. (2023). Mithras in Tróia (Portugal). an Art Historical and Archaeometric Analysis of the Roman Marble Bas-Relief with the Banquet of the Gods Mithras and Helios. *Open Access Journal of Archaeology and Anthropology*, 5(1), 1–15.

<https://irispublishers.com/oajaa/pdf/OAJAA.MS.ID.000602.pdf>

Maciel, J.; Coutinho, H. (1990). A utilização dos mármore em Portugal na época romana. Ensaio de uma metodologia de estudo. In *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. pp. 83-86. Consultado em 2022. Available at <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2860.pdf>

Maciel, J. (1996). *Antiguidade tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Edição de autor.

Maciel, J. (1998). Arte romana e pedreiras de mármore na Lusitânia: novos caminhos de investigação. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. nº 11, Lisboa: Colibri, p. 233-245.

Mañas Romero, I. (2006). *Mármoles de Lusitania. Catálogo de Exposición*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 9-49.

Mañas, Romero, I. (2008). Canteras de Lusitania. Un análisis arqueológico. In *Marmora Hispana: Explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Merida: “L’Erma” di Bretschneider, p. 483-522.

Mantas, V. G. (2010). Atlântico e Mediterrâneo nos portos romanos do Sado. *Revista Portuguesa de História*. T. XLI, Coimbra: Universidade de Coimbra, 195-221.

Matos, J. L. de (1966). *Subsídios para um catálogo da escultura luso-romana*. I e II. Dissertação de licenciatura em História. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.

Nogales_Basarrate, T.; Gonçalves, L.J.; Lapuente, P. (2006). Materiales lapídeos, mármoles y talleres en Lusitania, In *Marmora Hispana: Explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Merida: “L’Erma” di Bretschneider, p. 407-466.

Nogales-Basarrate, T.; Lapuente, P.; Royo, H.; Preite-Martinez, M. (2015). Stone materials in Lusitania reflecting the process of Romanization. In *ASMOSIA X. Proceedings of the 10th International Conference. Interdisciplinary Studies on Ancient Stone*. Roma: “L’Erma di Brtschneider,” p. 253-262.

Pinto, I. V.; Magalhães, A. P.; Brum, P. (2014). An overview of the fish-salting production centre at Tróia (Portugal). In *Fish & Ships. Production and Commerce of Salsamenta during Antiquity*. Bibliothèque d’Archéologie Méditerranéenne et Africaine, 17. Aix en Provence: Errance, p. 145-157.

Pinto, I. V.; Magalhães, A. P.; Brum, P. (2016). Tróia na Antiguidade Tardia. In *A Lusitânia entre romanos e bárbaros*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 309-333.

Ribeiro, J. C. (2002). Relevo mitraico. In *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 479.

Romero Mayorga, C. (2016). *Iconografía Mitraica en Hispania*. Tesis doctoral. Madrid: Universidad Complutense. Consultado em 2022 e disponível em <https://eprints.ucm.es/id/eprint/39395/>

Romero Mayorga, C. (2018). Mithraic iconography in Hispania. Reinterpretation of the catalogue and new findings. In *Acta Antiqua Hungarica*, 58. Akadémiai Kiadó: Budapest, p. 173-199. Consultado em 2022 e disponível em [https://www.ucm.es/data/cont/docs/1888-2020-01-13-AAnt_58\(2018\)1-4_11_173-200_RomeroMayorgaC_V.pdf](https://www.ucm.es/data/cont/docs/1888-2020-01-13-AAnt_58(2018)1-4_11_173-200_RomeroMayorgaC_V.pdf)

Soares, J.; Silva, C. T. da (2018). *Caetobriga*. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos. *Setúbal Arqueológica*, Vol. 17. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal, 11-42.

Souza, V. de (1990). *Corpus Signorum Imperii Romani-Portugal*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

Thomas, E. (2010). 'Houses of the dead?' Columnar sarcophagi as 'micro-architecture'. In *Life, Death and Representation, Some New Work on Roman Sarcophagi*, Jas Elsner and Janet Huskinson (ed.) Berlin, New York: De Gruyter, pp. 387-436. Consultado em 28 de Março de 2023 e disponível em <https://doi.org/10.1515/9783110216783.387>

Vermaseren, M. J. (1956). *Corpus Inscriptionum et Monumentorum Religionis Mithriacae*, Vol.1. The Hague by Martinus Nijhoff Publishers.

